

A nova ordem mundial, o conflito de 4ª geração e as forças de operações especiais do Brasil*

Alvaro de Souza Pinheiro**

O início do século XXI, particularmente a partir dos trágicos e contundentes eventos de 11 de setembro de 2001, está demonstrando que as atuais ameaças à paz e à segurança internacionais são mais dramáticas e complexas do que aquelas que as precederam no século passado, tanto em natureza quanto em dimensão e intensidade.

Nova ordem mundial

A natureza multipolar do atual cenário geopolítico mundial caracteriza-se pela presença dos Estados Unidos da América (EUA) como única superpotência hegemônica remanescente e pelo surgimento de potências regionais emergentes nos diversos continentes que, como o Brasil, por exemplo, incrementam cada vez mais sua estatura político-estratégica no cenário geopolítico global. A consequência imediata é que Estados nacionais desenvolvidos e em diferentes estágios de desenvolvimento estão convivendo em arenas globais fundamentalmente baseadas em interesses econômicos. Esse fato determina o aparecimento de

confrontações diversificadas entre governos, economias, culturas, etnias, religiões e populações em um mundo altamente competitivo, em termos de mercados globais.

Por outro lado, entre os mais de 190 Estados nacionais, identificam-se em torno de 30 Estados potencialmente falidos, por consequência direta de governos corruptos, sem credibilidade e legitimidade, incapazes de atender às necessidades mínimas de estabilidade política e socioeconômica de suas populações. Esses Estados falidos tornaram-se a principal fonte de instabilidade internacional, propiciando a criação de campos férteis ao desencadeamento de flagelos transnacionais que assolam o mundo civilizado nos dias de

* Colaboração da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

** O autor é Analista Militar especialista em Operações Especiais e Guerra Irregular. Consultor Técnico da Revista *Tecnologia & Defesa*. Conferencista convidado e colaborador de inúmeras instituições militares e civis, destacando-se a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, a Academia Militar das Agulhas Negras, o Centro de Estudos Estratégicos do Exército, o Curso Superior de Inteligência Estratégica da Escola Superior de Guerra, a Brigada de Operações Especiais, a Brigada de Infantaria Paraquedista, a Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro e o Centro de Estudos Interdisciplinares em Justiça Criminal da Universidade Católica de Brasília. No exterior, entre outras instituições, é Analista Associado do Regional Defense Counterterrorism Fellowship Program/Joint Special Operations University/US Special Operations Command.

hoje, tais como o fundamentalismo político e/ou religioso, o terrorismo, o narcotráfico, o contrabando de armas, a “lavagem” de dinheiro, a pirataria de produtos diversificados, a geração de um crescente fluxo de imigrantes ilegais e a degradação criminoso do meio ambiente.

Não há dúvida de que a violência em nível nacional, transnacional ou subnacional vai continuar, e os chamados conflitos assimétricos de 4ª geração predominarão. Junto aos Estados nacionais, surgem novos atores protagonistas, organizações não estatais armadas, integradas por forças irregulares de diferentes matizes: separatistas, anarquistas, extremistas políticos, étnicos ou religiosos, crime organizado e outros, cuja principal forma de atuação fundamenta-se no emprego de táticas, técnicas e procedimentos de Guerra Irregular, extremamente violentos, caracterizados por verdadeiros banhos de sangue absolutamente irracionais que atingem, de forma dramaticamente perversa e intencional, uma imensa parcela da população civil não combatente.

Nos campos da segurança e da defesa, é cada vez mais evidente que as formas clássicas de se opor às crises e conflitos armados do século passado não são mais pertinentes, oportunas e adequadas para confrontar as atuais ameaças. Nesse contexto, observa-se uma tendência global, na maioria dos Estados nacionais, de valorização de suas Forças de Operações Especiais (FOpEsp), as quais ganham mais relevância em função das características específicas do seu pessoal. Constituídas por soldados voluntários, organizados em pequenos efetivos, dotados de excepcional espírito de corpo, potência física e emocional, criteriosamente selecionados, equipados e adestrados, essas forças estão demonstrando ser ve-

tores extremamente positivos no desdobramento de crises e/ou conflitos de caráter eminentemente não convencional, em ambientes operacionais caracterizados pelo alto grau de sensibilidade política, grande complexidade psicossocial e exigência de ações a realizar, em que se impõe a manutenção de um elevado grau de sigilo.

O Brasil, como um país cuja estatura político-estratégica cresce a cada dia e como defensor de uma reforma na Carta das Nações Unidas que lhe permita ocupar um assento permanente no Conselho de Segurança, não pode se alienar da prevenção e do combate às potenciais e iminentes ameaças à paz e à segurança internacionais do século XXI. É nesse contexto que se fundamenta a atual significativa implementação das suas FOpEsp.

Características do conflito de 4ª geração

O termo “Conflito de 4ª Geração”, também identificado como “Conflito Irregular Assimétrico”, tornou-se conhecido entre estrategistas e planejadores militares internacionais no final da década de 1980. Essa comunidade compartimentou a evolução dos conflitos armados, a partir do século XVII, em quatro períodos distintos. Na 1ª Geração (a partir da “Paz de Westphalia”, acordo firmado em 1648, que propiciou o nascimento das relações internacionais entre Estados soberanos), a guerra caracterizou-se pelo emprego preponderante do princípio da massa, grandes efetivos organizados em rígidas formações massificadas, e teve seu clímax nas épicas campanhas napoleônicas. O emprego intensivo do apoio de fogo, particularmente de artilharia e de metralhadoras pesadas, caracterizou a 2ª Geração, que culminou na guerra de trincheiras da Primeira Guerra Mundial. A 3ª Geração

foi dominada pela manobra, perfeitamente caracterizada pela *blitzkrieg*, tática brilhantemente desenvolvida pelos alemães na Segunda Guerra Mundial. Há de se destacar que os atores protagonistas dos diferentes cenários das 1ª, 2ª e 3ª gerações eram predominantemente Estados nacionais.

A 4ª Geração é resultante de uma evolução que visa tirar vantagens de mudanças política, social, econômica e tecnológica vivenciadas desde a Segunda Guerra Mundial. Mao Tsé-tung foi o pioneiro no emprego muito bem-sucedido desse modelo, como instrumento de luta político-ideológica, proliferado, particularmente, durante o auge da Guerra Fria, quando a ameaça do holocausto nuclear, conseqüente da confrontação entre os EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ameaçava o mundo.

Como principais características do Conflito de 4ª Geração, no século XXI, com reflexos para as FOpEsp do Brasil, destacam-se:

– Cenários estratégicos de conformação difusa, caracterizados por ameaças indefinidas em ambientes operacionais, dentro ou fora do território nacional, nos quais a incerteza e a imprevisibilidade demandarão forças preparadas para o cumprimento de missões diversificadas. Missões essas com um amplo espectro de ameaças que envolve a defesa de interesses nacionais vitais, tais como a manutenção da soberania e da integridade do patrimônio nacional; a garantia da lei e da ordem e dos poderes constitucionais; o cumprimento de compromissos internacionais; até a cooperação com o desenvolvimento e a defesa civil e a atuação contra delitos fronteiriços e ambientais.

– Esse complexo espectro poderá demandar a capacidade de fazer face a um inimigo convencional em um determinado momento,

para logo no momento seguinte confrontar-se com um inimigo irregular e, em seguida, engajar-se em atividades de assistência humanitária, reconstrução das instituições e infraestruturas básicas do governo local, características das Operações de Estabilidade. Todas essas atividades poderão ser executadas simultaneamente e, muito frequentemente, exigirão a interação das FOpEsp com forças militares convencionais, com organizações policiais voltadas para a segurança pública, bem como com agências civis de natureza diversificada, governamentais e não governamentais.

– Ambientes operacionais caracterizados pela grande diversificação em termos de terreno, condições meteorológicas e de inimigo, incrementando sobremaneira as exigências de adestramento. Áreas urbanas ou próximas a grandes centros urbanos poderão constituir-se em cenários de batalhas decisivas, admitindo-se a presença de forças convencionais amigas e inimigas, forças irregulares amigas e inimigas (com forças de guerrilha, de sustentação e subterrâneas com diferentes níveis de capacitação); e admitindo-se também a relevante presença de populações civis não combatentes, propiciando ações de subversão, terrorismo e sabotagem.

– Operações militares de planejamento centralizado, caracterizado por uma vigorosa unidade de comando e execução cada vez mais descentralizada, tendo como parâmetros essenciais um sistema de inteligência solidamente estruturado (tanto no nível estratégico quanto nos níveis operacional e tático), comunicações informatizadas eficientes e seguras e a disseminação das informações em tempo real, visando à obtenção da rapidez nos resultados e à minimização de baixas.

– Imperiosa necessidade de preparo para conviver com a crescente influência da mídia

na formação da opinião pública, tanto nacional quanto internacional, afetando sobretudo o planejamento e a condução das operações. Como consequências imediatas dessa influência, tornou-se obrigatório relacionar as “considerações civis” como fator da decisão e reconhecer a relevância das atividades de comunicação social e das operações psicológicas. A análise da propaganda nos seus cinco fatores (origem, conteúdo, público-alvo, veículo e efeito resultante) deve ser constantemente realizada, e a conquista dos corações e mentes da população civil não combatente é um objetivo permanente a ser alcançado.

– Prevalência de campos de batalha não lineares ou assimétricos, demandando operações táticas desenvolvidas de forma coordenada e controlada, combinando diferentes direções e atitudes (ofensiva e defensiva) bem como plena sincronização dos meios integrantes dos diversos sistemas operacionais (comando e controle, inteligência, manobra, apoio de fogo, mobilidade, contramobilidade e proteção, apoio de fogo, defesa antiaérea e apoio logístico) em termos de tempo, espaço e finalidade.

– Permanente evolução científico-tecnológica impondo constante reciclagem de conhecimentos e capacitações, sobretudo no que se refere ao emprego intensivo de sensores (obtenção da informação), processadores (tomada da decisão e sua implementação) e atuadores (neutralização da ameaça). Em consequência, tendo em vista a otimização das comunicações, torna-se prioritário o emprego de medidas eletrônicas de apoio (MEA), contramedidas eletrônicas (CME) e medidas de proteção eletrônica (MPE).

– Conscientização de que, na atualidade, as forças irregulares também estão tirando proveito da evolução tecnológica, como está

perfeitamente caracterizado pelo Hezbollah e pelo Hamas que, além de terem alcançado o *status* de partido político, internacionalmente reconhecidos (a exemplo do Fatah), nos últimos conflitos ocorridos no Sul do Líbano e na Faixa de Gaza, respectivamente, surpreenderam as Forças de Defesa de Israel, demonstrando uma inédita capacitação de saturação de área pelo fogo, executada por uma artilharia de mísseis e foguetes de curto e de médio alcance, patrocinada pelo Irã e pela Síria. Nesse mesmo contexto, irregulares de diferentes facções estão engajados na procura pela capacitação para a realização de ataques químicos, biológicos e nucleares, bem como para o desencadeamento de infiltrações cibernéticas em redes informatizadas que controlam os serviços públicos essenciais dos grandes centros urbanos.

– Forças irregulares de diferentes matizes, com diferentes níveis de capacitação, em diferentes ambientes operacionais, estão cada vez mais associadas às estruturas do crime organizado, beneficiando-se dos rendimentos obtidos pelo narcotráfico, contrabando de armas e munições e da lavagem de dinheiro, constituindo-se, na atualidade, em ameaças transnacionais. Um exemplo inequívoco, com graves reflexos para o Brasil, são as cerradas conexões entre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), atualmente engajadas em todas as fases de produção da cocaína refinada, com presença no crime organizado do México, Venezuela, Suriname, Paraguai, Brasil, Argentina, EUA e de países da União Europeia.

– Crescente desdobramento de forças multinacionais nos mais diversos ambientes operacionais, envolvendo tropas de Estados nacionais integrantes de organizações internacionais ou de coalizões temporárias, especificamente

estabelecidas para a consecução de objetivos comuns (estratégia da projeção de poder). Nesse contexto, avultam a imperiosa necessidade de mobilidade estratégica, o estabelecimento, cada vez mais impositivo, de comandos combinados, enquadrantes de elementos das três Forças Singulares e a demanda cada vez maior da presença das FOpEsp, mesmo nas Operações de Paz.

FOpEsp do Brasil

A globalização tornou-se um fenômeno que, na atualidade, atinge todos os campos da atividade humana, inclusive a área de assuntos militares. Um significativo exemplo que ratifica essa evidência são as concepções doutrinárias atribuídas às Operações Especiais.

Sistemas de educação profissional militar de diferentes países, desde a Segunda Guerra Mundial, intitularam como especiais, em seus acervos doutrinários, operações específicas executadas por forças convencionais, tais como: ataque noturno, ataque e defesa de localidades, transposição de cursos d'água obstáculos, operações objetivando o estabelecimento de cabeças de ponte aéreas (aeroterrestres ou aeromóveis) e cabeças de praia, em operações anfíbias. Consideraram também como especiais, operações desenvolvidas em terrenos específicos, tais como selva, montanha e neve.

Com o término da Segunda Guerra Mundial e o advento do Conflito de 4ª Geração e da guerra revolucionária, que tiveram em Mao Tsé-tung um pioneiro muito bem-sucedido, Forças Armadas do mundo inteiro passaram a adotar uma nova concepção doutrinária referente às Operações Especiais, profundamente diferentes da concepção anterior, em função de sua natureza eminentemente não convencional. Aperfeiçoado ao longo do tem-

po e das experiências vividas em diferentes ambientes operacionais, chegou-se, na atualidade, a um conceito de consenso global, inclusive adotado no Brasil, de que Operações Especiais “são aquelas conduzidas por forças militares e/ou paramilitares especificamente organizadas, adestradas e equipadas, visando à consecução de objetivos militares, políticos, econômicos ou psicossociais, em ambientes hostis e/ou politicamente sensíveis, nas situações de paz, crise ou conflito”.

Podem ser conduzidas independentemente, em apoio a objetivos nacionais específicos, ou em coordenação com operações de forças convencionais, normalmente em proveito da campanha do maior escalão de nível estratégico ou estratégico operacional em presença. Destaque-se que as FOpEsp não competem com as forças convencionais, até porque não devem, em hipótese alguma, ser empregadas como essas.

De maneira geral, as Operações Especiais são materializadas por duas formas de atuação: ação direta e ação indireta. A ação direta caracteriza-se perfeitamente quando as FOpEsp cumprem suas missões estabelecendo o contato direto com o inimigo. A ação indireta é caracterizada quando o contato com o inimigo é mantido por forças irregulares amigas especificamente organizadas, adestradas, equipadas e conduzidas para tal fim.

Dependendo das características do ambiente operacional em presença, tendo por fim otimizar as possibilidades das FOpEsp e minimizar suas limitações, o ideal é que os planejamentos integrem as formas de atuação das ações direta e indireta. As mais recentes experiências têm demonstrado que elas não são excludentes entre si, muito pelo contrário. Além de perfeitamente integradas, há de se procurar o apoio mútuo entre ações direta

e indireta. O efeito produzido será efetivamente muito superior do que quando materializadas separadamente.

O Brasil é um país em que a formação da nacionalidade, costumes, tradições e valores militares possuem raízes históricas intimamente ligadas às atividades de Operações Especiais e Guerra Irregular, que em significativos momentos da vida nacional se fizeram presentes. Da forma como se conhecem hoje, as nossas FOpEsp possuem características básicas comuns. Seus integrantes são todos voluntários, e seu processo de seleção os submete a uma rígida avaliação psicofísica, cujos parâmetros são incontestavelmente os mais exigentes das Forças Armadas. Seu adestramento enfatiza a força física, a criação de fortes laços emocionais entre os integrantes das diversas unidades, além de um altíssimo nível de motivação e de autoconfiança. Sua capacitação é fundamentada em um criterioso domínio de táticas, técnicas e procedimentos não convencionais, emprego diversificado de armamento, munição e tiro, explosivos e demolições, bem como técnicas de navegação, as quais possibilitam a operação com desenvoltura em qualquer tipo de terreno, infiltrando-se por terra, mar e ar, sob quaisquer condições meteorológicas.

As atividades de Operações Especiais no Brasil iniciaram-se no Exército Brasileiro, em torno da segunda metade dos anos 1950. De lá para cá, foram mais de 50 anos de muita dedicação, muita abnegação e muita competência para que se atingisse o nível atual materializado pela Brigada de Operações Especiais (BdaOpEsp) que detém o maior escalão e o maior poder de combate entre as nossas FOpEsp. Essa grande unidade, apesar de recentemente ativada, já possui um significativo acervo de missões relevantes realizadas, como

é o caso do resgate de cidadãos brasileiros, em uma grave situação de crise, de Abidjan, capital da Costa do Marfim, e a atual presença de Destacamentos de Operações Especiais (DOpEsp) na segurança das embaixadas do Brasil naquele país e no Congo; assim como do DOpEsp que integra o Contingente Brasileiro operando na MINUSTAH, Missão de Estabilização da ONU no Haiti.

As demais Forças Singulares brasileiras também possuem FOpEsp. Na Marinha do Brasil, o Grupamento de Mergulhadores de Combate (GruMeC) e o Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais (BtlOpEsp FN), o “Batalhão Tonelero”. Na Força Aérea Brasileira, o Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento (EAS), conhecido pela sigla PARA-SAR, e os Pelotões de Operações Especiais dos Batalhões de Infantaria da Aeronáutica, preparados para tal fim. As FOpEsp da Marinha e da Força Aérea também já adquiriram um excepcional padrão de credibilidade pelos níveis de eficiência operacional que atingiram ao longo de uma evolução igualmente fundamentada na dedicação, na abnegação e na competência.

Muito embora as Operações Especiais possam ser executadas por elementos especializados de uma única Força Singular (e essa era a rotina observada no século passado), as mais recentes e bem-sucedidas experiências demonstram que a probabilidade de êxito é intensivamente incrementada quando conduzidas como operações combinadas. Seguindo o exemplo dos países nos quais os Comandos Combinados de Operações Especiais permanentes ainda não foram ativados, no Brasil, a interoperabilidade tem se manifestado por meio da constituição de Forças-Tarefa Combinadas de Operações Especiais (FTCbnOpEsp) as quais, qualquer que seja o ambiente operacional em presença, são organizadas para o

cumprimento de missões específicas e integradas por elementos de Operações Especiais das Forças Terrestre, Naval e Aérea. Essas FTCbnOpEsp, uma vez constituídas em situações de guerra, operarão em proveito do Plano de Campanha de um teatro de operações, estando diretamente subordinadas ao comando desse teatro. Quando constituídas em ambiente operacional de não guerra, em que não há a ativação de um teatro de operações, permanecerão diretamente subordinadas ao mais alto escalão em presença. E nas situações em que atuarem independentemente, operarão diretamente subordinadas a um Comando Combinado de Operações Especiais (CCbnOpEsp), especificamente ativado por tempo limitado.

Indiscutivelmente, as semelhanças que caracterizam o preparo e o emprego das diferentes FOPEsp facilitam significativamente a interoperabilidade entre elas. Entretanto, deve-se ter em mente que as diferentes FOPEsp possuem missões prioritárias, verdadeiros nichos de *expertise*. Os Destacamentos Operacionais de Forças Especiais (DOPEsp), da BdaOpEsp, do Exército, são quase insubstituíveis quanto ao estabelecimento de “Áreas Operacionais de Guerra Irregular” (AOGI – preparo e emprego de forças nativas em táticas, técnicas e procedimentos da guerra de guerrilhas). Da mesma forma, ações diretas realizadas contra elementos que venham a ameaçar as plataformas marítimas de exploração de petróleo são quase que exclusivas do GruMeC, da Marinha. Não se pretende que, ao incrementar a interoperabilidade, percam-se ou minimizem-se essas especializações. Ao contrário, ela terá como resultado um incremento na eficiência operacional, tanto dos elementos de OpEsp reforçados quanto dos que reforçam. E, sobretudo, deve-se ter em mente que a gran-

diosidade da área física do território nacional, bem como a diversidade de ambientes operacionais, exige que as diversas FOPEsp operem de modo mais integrado possível, como uma condição indispensável para o cumprimento das missões com sucesso.

Nesse contexto, há de se destacar que, na Segurança Pública, uma área altamente controvertida e de grande sensibilidade, na atualidade, tanto a Polícia Federal quanto as polícias militares e civis estaduais possuem seus elementos de Operações Policiais Especiais. Muito embora seus processos de seleção, bem como níveis de dotação de material e de adestramento, sejam muito heterogêneos, a média de seus níveis de operacionalidade, visando às suas tarefas eminentemente policiais, pode ser considerada boa. E algumas dessas forças policiais especiais, sobretudo aquelas dos maiores centros urbanos, possuem a experiência de operar sob o Controle Operacional das FOPEsp militares. Tal fato ocorre quando da realização de eventos de relevância estratégica (reuniões de cúpula internacionais e visitas de chefes de Estado estrangeiros, por exemplo), para os quais diretrizes específicas emanadas da Presidência da República determinam que os Comandos Militares da Área sejam os Coordenadores de Segurança de Área (CSA), responsáveis, de mais alto nível, pelo planejamento e execução das medidas preventivas e repressivas de segurança de tais eventos. Tal tipo de integração entre as FOPEsp militares e policiais ocorre rotineiramente e, via de regra, com resultados altamente positivos.

Conclusão

Para um Estado nacional como o Brasil, potência global emergente, candidato ostensivo a um assento permanente no Conselho de

Segurança das Nações Unidas, e que pretende ter, a cada dia, sua estatura político-estratégica incrementada, não há a menor dúvida que, para fazer face às crises e aos conflitos característicos do presente século, suas FOpEsp são um instrumento confiável e extremamente valioso, sobretudo na consecução das ações estratégicas de caráter preventivo e dissuasório.

Apesar da perversidade da conjuntura econômico-financeira a qual solerte e insidio-

samente consome e desgasta as Forças Armadas, as FOpEsp do Brasil, graças a uma oportuna e criteriosa definição de prioridades por parte das autoridades militares competentes, têm conseguido, ao longo dos anos, manter um padrão de eficiência operacional que lhes permite cumprir com excelência suas complexas missões, bem como manter um conceito altamente respeitado e admirado na comunidade internacional das Operações Especiais. ●



Editorial 2009

Coleção General Benício

SOLDADOS DA PÁTRIA

Frank D. McCann – coedição/Cia das Letras

Nas palavras do historiador Francisco Doratioto, trata-se de “obra inovadora que reescreve a História do Exército Brasileiro, desde a Proclamação da República até o Estado Novo”. O autor, nascido nos Estados Unidos, escreveu inúmeros e importantes estudos sobre a história militar brasileira. Esse livro fundamenta-se em detalhada pesquisa realizada em arquivos britânicos, norte-americanos, franceses e brasileiros, assim como em depoimentos de líderes militares e civis que sobreviveram após a época considerada.